

Autor: João Melquiades da Silva

AS QUATRO ÓRFÃS DE PORTUGAL

Ou o Valor da Honestidade



Autor: João Melquiades da Silva

As quatro Órfãs de Portugal ou o Valor da Honestidade

Na capital de Lisboa
havia uma união
de quatro donzelas órfãs
sem pai, sem mãe, sem irmão
servindo a moça mais velha
como mãe de criação

Vitalina era a mais velha
e muito religiosa
viviam de costuras
numa vida trabalhosa
Isabel, Francisca e Maria
cada qual mais virtuosa

Vitalina adoeceu
veado que não escapava
chamou logo as três mocinhas
que em seu poder criava
para lhes dar um conselho
que tanto necessitava

Disse ela: — Minha filhas
vocês vivam sem questão
satisfeitas com a sorte
trabalhando pelo pão
nada tendo peçam esmola
mais não deixem esta união

No outro dia Vitalina
estava no necrotério
mais levou palma e capela
para o chão do cemitério
no símbolo da virgindade
de moça que tem critério

As moças ficaram sós
por causa do acabamento
ninguém lhe dava costuras
para ganharem o sustento
começaram a passar fome
com pena e sofrimento

Quando as moças não tinham
mais nada para vender
eram três moças donzelas
que não tinham o que comer
sem lamentarem a sorte
jejuavam sem querer

Lutando assim pela vida
com tanta dificuldade
perseguidas pelos os homens
mas guardando a virgindade
quem sofre com paciência
Deus manda felicidade

A fome já era tanta
que as moças padeciam
que botavam sal na água
por alimento bebiam
e os homens sem caridade
a elas não protegiam

Maria uma das moças
disse ainda não é assim
se hei de morrer de fome
aqui mesmo levar fim
vou procurar pelo mundo
quem tome conta de mim

As outras duas pediram:
—Maninha não vá embora
vamos esperar mais tempo
ninguém sai daqui agora
até chegar o socorro
de Deus ou Nossa Senhora

Maria disse Maninhas
eu já estou resolvida
vou ver se encontro 1 homem
que me dê roupa e comida
hoje a noite eu vou embora
que não sou esmorecida

Maria arrumou a roupa
e deixou anoitecer
o pedido das irmãs
em nada quiz atender
se despediu, e à noite
dizendo: — Vou me vender

A noite estava escura
porém a moça seguia
no oitão de uma igreja
um vulto lhe aparecia
o vulto era um padre
pegou na mão de Maria

O padre disse: filhinha
esta hora onde vais?
o que é que tu procuras
que daqui não passas mais
volta que tuas irmãs
ficaram choando atrás

— Padre porque sou pobre
uma órfã desvalida
abandonei minhas irmãs
para salvar minha vida
eu vou procurar um homem
que me dê roupa e comida

Porquanto a minha pobreza
faz vergonha eu lhe contar
todo dia em nossa casa
não tem o que se almoçar
há tempo que eu não janto
eu vou dormir sem ceiar

O padre disse: — Filhinha
tu precisas de caridade
então me diz-se conheces
na alta sociedade
qual é o homem solteiro
mais rico desta cidade

Tem o coronel Paulino
que é um moço solteiro
negociante na praça
capitalista e banqueiro
o governo deve a ele
grande soma de dinheiro

O Padre tirou um lapis
num papel pôs-se a escrever
dirigindo um bilhetinho
de acordo o seu saber
para o coronel Paulino
esta questão resolver

O padre disse: —Filhinha
volte e vá descansar
por hoje lhe passa a fome
não precisa mais ceiar
porque a sua pobreza
agora vai se acabar

Quando o dia amanhecer
vá o bilhete entregar
ao coronel Paulino
a quem eu mando levar
espere pela resposta
que ele tem que lhe dar

Maria voltou a casa
conforme o padre dizia
as irmãs abriram a porta
disseram: —Entra Maria
se abraçaram todas três
chorando de alegria

Quando o dia amanheceu
Maria no mesmo tino
foi levar o bilhetinho
ao coronel Paulino
para saber da resposta
qual seria o seu destino

No armazém do Paulino
estavam negociando
uma secção dos mais ricos
sobre negócio tratando
e viram aquela mocinha
que vinha se aproximando

Os homens se combinaram
cada qual o mais ladino
Maria entrou no escritório
com seu terno feminino
quem é aqui dos senhores
o grande coronel Paulino

O coronel levantou-se
chegou-se para Maria
disse: — Sou eu seu criado
enquanto a moça dizia
trago este bilhetinho
para vossa senhoria

O bilhetinho lhe explicava
honradissimo coronel
dê a esta mocinha
o valor deste papel
porém pese-o na balança
até chegar no fiel

O coronel ainda riu-se
dizendo: ora, muito bem
disto não há precisão
que se ocupa ninguém
o peso deste papel
só pesa igual um vintém

O coronel pegou o bilhete
ôs na balança um tostão
mas foi botando dinheiro
como quem pesa algodão
a concha do bilhetinho
só pesava para o chão

O coronel botou todo
o ouro que possuía
botou o dinheiro de papel
que a balança não cabia
a concha do bilhetinho
mais pesada não subia

Ele arredou o dinheiro
e pesou-se com o papel
a concha do bilhetinho
subiu e mostrou o fiel
era a honra da donzela
que valia o coronel

O coronel disse: Moça
você é misteriosa
qual é a sua oração
na vida religiosa?
este bilhete foi feito
por uma mão poderosa

Coronel a minha mãe
de coração me ensinava
que S. Antonio é meu Padrinho
e a ele me entregava
eu tomava a bênção ao santo
à noite quando resava

Então a senhora diga-me
quem fez este bilhetinho
se foi feito em sua casa
pela mão de algum vizinho
ou então se é milagre
que nasce de seu padrinho.

Coronel eu esta noite
de casa eu havia saído
no oitão de uma igreja
um padre desconhecido
mandou-lhe este bilhetinho
conforme vem dirigido

O coronel baixou a vista
e disse quando pensou:
—Então o bilhete foi
Santo Antônio quem mandou
pra senhora casar comigo
como o santo me apontou

A senhora uma moçinha
que vive em pobreza
mas sua honra pesou
mais que a minha riqueza
no dia que nos casamos
somos iguais por natureza

Desde ai o coronel
tomou conta de Maria
convidou os seus amigos
caçou-se no outro dia
ma'ou ver as duas órfãs
para sua companhia. FIM